



Atos 4 e o poder que impulsiona a missão

The power that puts mission forward in Acts 4

Marcelo E. C. Dias¹



Uma das preocupações essenciais no assunto de missiologia relaciona-se à formação do converso, engajado na prática cristã. Contudo, durante um período significativo de tempo, os fatores que compõem a lógica da conversão têm sido unilaterais, ora conferindo importância à aquisição cognitiva, ora enfatizando experiências místicas. Partindo dessa problemática, este artigo expõe a proposta do modelo dos três encontros como fundamental para a compreensão dos fatores que interagem na formação de um engajamento missionário saudável. Em consideração à experiência de Pedro e João em Atos 4, entende-se que o conhecimento, o compromisso e a experiência cristãs são coadjuvantes para o impulso missiológico e para disposição do converso.

Palavras-chave: Missão; Atos 4; Três Encontros; Conversão



One of the most problematic issues regarding missiology is related to the shaping of the new converse engaged in Christian practice. Still during a vast period of time the factors that compound the structure of conversion has been one-sided, sometimes stressing cognitive acquisition and at the other side underlining mystical experiences. Starting from such problematic, this paper exposes the suggestion of the model of three encounters as central to the understanding the interplay of the factors which shapes the convert into a more engaged missionary way of life. Considering Peter and John experiences once found in Acts 4, one comes to the conclusion that Christian's knowledge, loyalty, and experience supports each other into missiologic motion and shaping of the Christian convert.

Keywords: Mission; Ats 4; Three Encounters; Conversion

¹ Doutorando em Missiologia pela Universidade Andrews, EUA. Professor da Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: mecdias@hotmail.com

Uma das questões essenciais da missiologia é como a igreja poderia comunicar o evangelho de forma eficaz ao engajar-se na missão de maneira comprometida.² Paul Hiebert (2008, p. 10), um dos principais antropólogos missiológicos do século 20, sugeriu uma reformulação prática da mesma pergunta: “Uma pessoa poderia se tornar cristã após ouvir o evangelho somente uma vez?” Hiebert (2008) sugere que a resposta óbvia é “sim”. No entanto, a questão da conversão genuína não pode ser tão rapidamente desconsiderada diante das preocupações atuais sobre “graça barata”, sincretismo, fidelidade dupla e cristianismo nominal, por exemplo.

Nos últimos 20 anos, estudos sobre missão ampliaram a compreensão sobre a relação entre cosmovisão e discipulado. Em *Transforming Worldview*, Hiebert defende que o objetivo da *conversão* para o cristianismo inclui mais do que transmissão de conhecimento e mudanças nos comportamentos e rituais. Ela deve abarcar transformação em todos os três níveis: comportamentos, crenças e cosmovisão.³ “Se a cosmovisão não for transformada, a longo prazo, o evangelho é subvertido e o resultado é um paganismo-cristão sincretista, que tem a forma de cristianismo mas não sua essência” (HIEBERT, 2008, p. 11). Neste sentido, este artigo procurará compreender os aspectos essenciais que compõem a conversão à luz do relato contido em Atos 4, a fim de nortear os esforços missiológicos de maneira mais holística. Para tanto, uma breve descrição teórica a esse respeito será exposta em paralelo a uma sugestão bíblica evidenciada no texto de Atos. Por fim, algumas implicações serão consideradas seguidas de questões que incentivem a aplicação dos resultados obtidos.

98

O modelo dos três encontros

Um participante essencial para esta discussão é Charles Kraft (1996, p. 52), professor por longo tempo no Seminário Teológico Fuller, que definiu cosmovisão como “pressuposições, valores e compromissos/lealdades

² Mesmo que alguns entendam ser o propósito da missão autoevidente, um olhar mais atento à discussão demonstrará pluralidade de compreensão e ênfase. Apesar das diferenças, pode-se afirmar que a maioria dos missiólogos concordaria que a pergunta se encontra em algum lugar próximo do interesse central da missiologia. Discussões úteis a esse respeito podem ser encontradas no capítulo 2 de Terry, Smith e Anderson (1998) e na introdução de Bosch (1991).

³ Cosmovisão pode ser definida como “um esquema conceitual pelo qual consciente ou inconscientemente posicionamos ou encaixamos tudo o que acreditamos e pelo qual interpretamos e julgamos a realidade” (NASH *apud* MOREAU *et al.*, 2000).

culturalmente estruturados que embasam a percepção de alguém sobre a realidade e as respostas a essas percepções”. Kraft (1996, p. 453) publicou artigos abordando a transformação de cosmovisão através de três encontros cruciais para a experiência e comunicação do evangelho: lealdade (ou compromisso), verdade e poder, que se relacionam com importantes dimensões da experiência e testemunho cristãos: relacionamento, compreensão e liberdade. Cada encontro funciona como o “antídoto apropriado” para elementos de um tipo particular de luta espiritual (KRAFT, 2005, p. 100). Apesar de distintos, eles operam em conjunto. Verdade (ou conhecimento) resolve o problema da ignorância (ou erro); lealdade (ou compromisso) a Jesus substitui todos os compromissos anteriores; e o poder protege e provê vitória sobre o inimigo. Para ilustrar esse modelo Kraft (2005) cita a experiência original de discipulado entre Jesus e os doze, na qual eles foram chamados a ter uma experiência (lealdade) acompanhada de conteúdo (verdade) com o objetivo de engajar-se na missão (poder).

No esquema de Kraft (2005), o primeiro encontro é o encontro com a *verdade*. Tradicionalmente, as abordagens missiológicas têm enfatizado o aspecto cognitivo da experiência cristã (HIEBERT, 2008, p. 50).⁴ Há inúmeras ideias de que alguém deve estudar antes de decidir se tornar um discípulo de Cristo. Influenciada pela cultura da modernidade, a conversão tem sido “definida primariamente em termos de concordar com um grupo de doutrinas (ortodoxia) ou práticas (ortopraxia)” (HIEBERT, 2008, p. 195). Kraft (2005, p. 99) observa que “nossas bibliografias demonstram que a maioria dos estudos [de contextualização] tem focado nas importantes dimensões *cognitiva e estrutural*”. Kraft (1991; 1992) acredita que essas dimensões são mais familiares às pessoas. Em última instância, no entanto, uma pergunta surge: até que ponto novas informações automaticamente afetam a cosmovisão de uma pessoa? Até que ponto novas informações te o poder de conduzir alguém ao discipulado caracterizado pela maturidade cristã?

Seguidamente, a dimensão da *lealdade/compromisso* enfatiza a experiência relacional. Tiago 2:19, “Até os demônios creem e tremem”, é utilizado por Kraft (2005, p. 106) para demonstrar que a experiência religiosa deve ser desenvolvida além do mero conhecimento intelectual. Ele acredita que o compromisso é a mais importante das três dimensões. De acordo com o mesmo autor,

⁴ Paul Hiebert (2008) explica a dimensão cognitiva das cosmovisões como aquela que inclui as pressuposições profundas sobre a natureza da realidade, as categorias mentais e a lógica, e os temas e contratemas cognitivos que embasam a cultura.

o compromisso inicial com Cristo não leva a um relacionamento primário com Ele em substituição à primazia dos relacionamentos com outros deuses, espíritos, pessoas, objetos materiais, organizações, ou qualquer outra coisa. Os compromissos subsequentes confirmam e aprofundam esses relacionamentos (KRAFT, 1996, p. 453).

A terceira dimensão, *poder*, está relacionada com o ministério daqueles que conhecem a Cristo e se comprometeram com Ele. Associada com as obras poderosas de Jesus, como prometido em João 14:12: “aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará.” Na prática, um encontro com o poder se refere a eventos nos quais o poder de Deus demonstra suplantar o de outros deuses.

Jesus operou pelo poder do Espírito Santo enquanto estava na Terra, 1) para libertar pessoas cativas do inimigo por doenças, paralisia, cegueira e possessão demoníaca, entre outras; 2) para ser exemplo aos seus seguidores sobre as coisas que deveriam fazer; e 3) para apresentar seus discípulos ao poder que continuaria operando neles ao nutrirem seu relacionamento com Deus. Kraft (1996, p. 452) observa que, “juntamente com o ensino da verdade e o apelo pela lealdade, Ele regularmente libertava pessoas do cativeiro do inimigo através do uso do poder de Deus”.

Essa importante parte da missão tem sido quase completamente negligenciada no Ocidente. No parecer de Kraft (1996, p. 453), “apesar de testemunhas pentecostais e carismáticas terem superado, os evangélicos têm enfatizado o compromisso e a verdade, mas têm sido deficientes na dimensão do poder na mensagem bíblica”. Um dos maiores problemas resultantes é a dupla lealdade.⁵

Os aspectos iluminadores e desafiadores do modelo dos três encontros de Kraft parecem se encontrar na sua ênfase integral. Alguém poderia corretamente apontar que diferentes expressões/movimentos do cristianismo têm falhado por *sub* ou *super* enfatizar um desses três aspectos do discipulado.

⁵ No capítulo 7 de *Transforming Worldviews*, Paul Hiebert (2008, p. 195) descreve e analisa a cosmovisão moderna e suas implicações para o cristianismo e a missão. O cristianismo reflete de muitas maneiras o contexto histórico e cultural particular no qual é encontrado. “Na modernidade, o evangelho cada vez mais foi definido em termos de verdades doutrinárias abstratas, não o viver diário. [...] A verdade deve ser determinada pelo argumento racional e codificada em declarações proposicionais conectadas pela razão. Essa obra de especialistas assumiu que a racionalidade humana está baseada em leis de pensamento universais, transculturais e trans-históricas. Além disso, para ser objetiva, a verdade tinha que ser separada da afetividade e da moralidade.”

Kraft (2005, p. 102) clarifica no livro *Appropriate Christianity* que o seu “apelo é por equilíbrio, um equilíbrio de três lados”.

Atos 4 como modelo para os três encontros

Apesar de Kraft e Tippett terem usado Moisés e Faraó (Êx 5–12), Elias e os profetas de Baal (1Rs 18) e o ministério de Jesus como exemplos desse modelo integral de conversão, talvez fosse igualmente útil utilizar-se de Atos 4 na estrutura de seus argumentos. O verso 12, “e não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”, é o texto clássico para a discussão sobre as diferentes nuances sobre as categorias gerais do *inclusivismo*, *exclusivismo* e *pluralismo*.⁶ No entanto, pode-se sugerir que o verso 7, “com que poder ou em nome de quem fizestes isto?”, e o verso 10, “em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós”, são instrumentais na compreensão do verso 12, especialmente em conexão com o palavra “nome”.

O capítulo começa com a descrição do contexto que levou Pedro e João ao Sinédrio. O verso 2 enfatiza que a razão do distúrbio foi um encontro com a verdade evidente enquanto “os apóstolos estavam ensinando o povo e proclamando em Jesus a ressurreição dos mortos” (HENDRIKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001, p. 147). Muitos creram e se uniram aos crentes — um encontro com o compromisso. Então, Pedro e João foram presos e trazidos perante o Sinédrio.

No dia seguinte, quando os apóstolos foram levados perante o Sinédrio, a Bíblia descreve que a primeira pergunta enfatizava o aspecto do encontro com o poder: “com que poder ou em nome de quem fizestes isto?” Teólogos expressam posições diferentes a respeito da real intenção dessa pergunta. John B. Polhill (2001, p. 142) opina que “alguns intérpretes assumem que a pergunta tem que ver com a cura do homem, mas a principal razão para a

⁶ Kraft emprestou o termo *power encounter* [ou encontro com o poder] cunhado por Alan Tippett (1996, p. 453) “para descrever os tipos de eventos que ele percebeu que eram costumadamente cruciais no Sul do Pacífico na conversão de grandes grupos sociais para Cristo. Como essas pessoas serviam os deuses investidos com poder espiritual (de Satanás), era crucial para elas ao considerarem o cristianismo descobrirem qual deus tinha o maior poder.”

prisão tinha sido a pregação dos apóstolos (v. 2)”. Afinal, eles queriam descobrir o “poder” ou o “nome” utilizado para *a pregação ou a cura?*⁷

Cronologicamente, parece que o antecedente de “isto” (v. 7) é o ensino e a proclamação do dia anterior.⁸ Apesar de a pregação dos apóstolos os ter conduzido à prisão, Pedro entende suficientemente bem o seu contexto para saber que os membros do Sinédrio não poderiam aceitar o milagre realizado anteriormente (HENDRICKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001, p. 153). Lucas descreve Pedro como “cheio do Espírito Santo”. Pedro decide falar sobre a cura — ideia reforçada no final pela sua resposta no verso 10. Portanto, aplicando o modelo de Kraft, sugiro que os dois encontros — o encontro com o poder, quando o homem aleijado foi curado, e o encontro com a verdade através da pregação de Pedro — são, na verdade, parte de uma mesma experiência missionária.

Ademais, uma compreensão correta sobre o nome de Jesus em Atos 4⁹ também corrobora com a visão integral da experiência missionária.

“Nome de Jesus” é uma frase frequente em Atos.¹⁰ Deve-se ter em mente que em hebraico “nome” frequentemente não “significa uma denominação definida, mas denota função, posição, dignidade” [...] Em Atos, “nome de Jesus” compreende a ideia da Sua pessoa, poder e dignidade, reconhecido por ser o Messias e Senhor; portanto, resume a causa que os apóstolos advogavam (PAGE, 1886, p. 98).

102

Três observações sobre o verso 7 são relevantes para esta discussão: 1) contrariamente à observação feita por Kistemaker e Hendriksen de que “os governantes querem saber a fonte do poder dos apóstolos para realizar um milagre e querem aprender o nome da pessoa que dotou os apóstolos com esse poder” (HENDRICKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001, p. 151-152), a Bíblia sugere

⁷ Kraft (1996, p. 453) considera *dual allegiance* [ou dupla lealdade/compromisso] “sem dúvida o maior problema no cristianismo global”.

⁸ Para uma discussão completa sobre o desenvolvimento histórico das diferentes posições, ver Morgan e Peterson (2008).

⁹ Lucas usa a frase *o nome de Jesus* 33 vezes no livro de Atos, a primeira sendo em Atos 2:38 (GANGEL, 1998, p. 60).

¹⁰ Apesar de existir pelo menos quatro sugestões dadas por teólogos sobre a razão para a perturbação dos saduceus — política, teológica (doutrina da ressurreição), tradicionalista (pescadores não deveriam ensinar), sobrenatural (a cura milagrosa) — o presente artigo opa por focalizar as questões relacionadas à pergunta (tradicionalista e sobrenatural). Aparentemente os saduceus não estavam dispostos a arriscar uma discussão política ou teológica na presença dos fariseus (ver POLHILL, 2001, p. 139-140 e HENDRICKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001, p. 146-147).

uma relação intercambiável entre “poder” e “nome”; 2) a pergunta menciona um poder ou um nome como se estivessem usando uma fórmula mágica como a dos exorcistas (At 19:13) com o objetivo de pegá-los pela palavra (Dt 13:1) (ROBERTSON, 1997, At 4:7); e 3) eles estavam preocupados com a autorização para curar e pregar sobre a ressurreição. O problema em questão no verso 7 parece ser a autoridade poderosa deles — concedida por Jesus.

Em Atos 4:8 Pedro percebe outra oportunidade para se fundamentar na autoridade de Jesus e, então, explicar audaciosamente perante o Sinédrio o plano da salvação através de Jesus, o Messias. A resposta de Pedro é encontrada em Atos 4:10, onde alegou: “tomai conhecimento, vós outros e todo o povo de Israel, de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós.”

A declaração universal sobre a salvação é encontrada no verso 12. “Pedro desafia seus ouvintes imediatos, mas ao mesmo tempo fala para todas as pessoas que buscam salvação” (HENDRIKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001, p. 155). Vale destacar que a língua original, neste verso, amplia a compreensão sobre o nome de Jesus. “A essência do sermão é um jogo com a palavra grega *sōzō*, que significa tanto ‘salvação’ física no sentido de cura (v. 9) como no sentido de salvação espiritual, escatológica (v. 12)” (POLHILL, 2001, p. 143). Naturalmente, não há poder mágico no nome — a palavra “Jesus” como um talismã —, mas há capacidade no verdadeiro *dunamis* (“poder”) divino disponível a todos que por ele clamam, através de Jesus. Ambos, salvar e curar, são parte de uma experiência (HENDRICKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001). Polhill (2001, p. 143) observa que “a ‘salvação’ física do aleijado através do nome de Jesus é, portanto, um indicador da salvação ainda maior que vem a todos que clamam o nome dele com fé”, mas parece possível sugerir que esse é um indicador de toda a experiência de salvação, a qual inclui salvação/cura do todo.

A multidão no templo anelava descobrir a fonte da cura do aleijado e Pedro apontou o nome de Jesus. O Sinédrio desejava descobrir o nome e Pedro os direcionou à cura do homem aleijado. Os dois aspectos são inseparáveis: integralidade e salvação no nome de Jesus; o nome de Jesus traz integralidade. As palavras de Pedro contêm um pouco de ironia. Os governantes estavam preocupados com os perigos políticos do “nome” que os apóstolos estavam pregando. “Esse nome não é destrutivo,” disse Pedro; “ele traz consigo boas coisas, simplesmente tudo” (POLHILL, 2001, p. 143-144, paráfrase do autor).

Polhill nota ainda que Pedro alcança o nível mais elevado de revelação no fim da sua resposta quando não fala sobre o poder/nome, mas sobre a pessoa. Ele faz um apelo direto ao Sinédrio na primeira pessoa do plural (POLHILL, 2001, p. 143-144). Pedro não recorre a um exagero, em vez disso, a uma expressão idiomática descritiva quando alega que não há outro nome sob o céu como o nome Jesus. Em nenhum lugar no mundo inteiro alguém é capaz de encontrar outro nome (por exemplo, pessoa) que ofereça a salvação que Jesus provê (HENDRICKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001, p. 155). Eles perguntaram o nome no qual a autoridade se apoiava; ele respondeu a pergunta: o nome, o poder de Jesus (POLHILL, 2001, p. 144). Como Ellen G. White (1911, p. 64) afirma: “nas palavras ‘unicamente a Jesus’, está contido o segredo da vida e do poder que marcaram a história da igreja primitiva”.

Uma observação deve ser feita sobre um outro encontro com a verdade na resposta de Pedro. “Quão fácil seria para Pedro e João responder a pergunta do sumo sacerdote simplesmente dizendo, ‘Deus o fez’. Essa seria uma resposta correta, teológica, religiosa e política, e os apóstolos poderiam ser dispensados imediatamente” (GANGEL, 1998, p. 60). Em vez disso, eles usaram o momento para uma explicação completa da verdade.

104

A impressão de um observador superficial seria a da não existência de um encontro com a lealdade/compromisso nesta história — a terceira dimensão do modelo de Kraft. Todos os sermões de Pedro, até este momento, terminavam com um apelo, mas não parece existir neste caso. Entretanto, como característica dos sermões de Pedro, um apelo implícito é encontrado no verso 12. Se não existe salvação em nenhum outro nome, então obviamente é necessário fazer um compromisso com aquele único nome que traz a salvação. Mas o apelo é ainda mais forte. Pedro começa a utilizar a primeira pessoa apenas no final do verso: “pelo qual importa que sejamos salvos”, incluindo um apelo direto aos membros do Sinédrio.

Duas outras observações encontradas em Atos 4 aludem a um encontro com o compromisso: a conclusão do Sinédrio de que “havia eles estado com Jesus” (v. 13) e a presença, “vendo com eles o homem que fora curado” (v. 14). Eles viram a evidência da cura física do homem que antes era aleijado. Mas eles precisavam entender que o bem-estar espiritual inclui o perdão dos pecados e um relacionamento restaurado com Deus (HENDRIKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001, p. 155).

Em resumo, pode-se sugerir que na discussão sobre a necessidade de se ouvir o próprio nome de Jesus para ser salvo a ênfase seja dada no elemento do poder da experiência de conversão encontrado em Atos 4. Apesar de Pedro

estar falando sobre um conceito, ele parece transitar da ideia de “poder” (v. 7) ao “nome” (v. 10) e, então, à pessoa (v. 12). O modelo de Kraft (2005) parece seguir essa ênfase ao destacar a importância de uma compreensão integral da missão. O encontro com a verdade sobre Jesus não deve ser dissociado do encontro com o poder de Deus que conduz ao encontro com o compromisso.

Implicações para a prática missiológica

Tal combinação de *insights* entre missiologia e teologia bíblica deveria colaborar para moldar uma prática missiológica relevante. A missão, como vista em Atos 4, precisa ser considerada de forma integral. A abordagem adequada pode seguir o modelo dos três encontros de Kraft (2005) que incluem o encontro com a verdade, com o poder e com o compromisso. Nesta última seção, quatro assuntos principais são brevemente explorados em conexão com as implicações da discussão corrente e algumas perguntas para estimular a reflexão são incluídas com o objetivo de despertar o desenvolvimento de aplicações relevantes.

Missão bíblica integral

105

Uma abordagem missiológica perfeitamente balanceada, aplicada por seres humanos, seria possível somente através da graça de Deus, portanto, esta deve ser buscada para uma abordagem integral e para evitar ciladas comuns. De acordo com a avaliação de Kraft “muito do cristianismo mundial é anêmico porque não foi introduzido com tal exercício de poder divino como parte dele” (KRAFT, 1996, p. 452). Ele critica o fato de que muitos evangélicos sabem “praticamente nada da dimensão do poder espiritual do cristianismo” e, em alguns círculos, “há também uma tendência de degradar ou ignorar a dimensão experimental do relacionamento” (KRAFT, 2005, p. 101).

No início deste artigo mencionou-se brevemente a ênfase exagerada no conhecimento intelectual. Entre as consequências dessa abordagem, resultam: fé abstrata, cristianismo nominal, dupla lealdade e falta de verdadeira comunhão (relacionamento). O desequilíbrio também pode acontecer em relação às outras duas dimensões deste modelo. Uma ênfase exacerbada no encontro com a lealdade/compromisso pode resultar num cristianismo raso, sincretista. Uma ênfase desmedida no encontro do poder também não é saudável, pois pode produzir um cristianismo extático, dependente de milagres e exageradamente emocional.

Igualmente, uma abordagem equilibrada deveria colaborar com o desenvolvimento de uma soteriologia do *Grande Conflito*, enfatizando não somente que “não há salvação em nenhum outro nome”, mas também, que “nenhum outro nome tem o poder do nome de Jesus”. Isto, portanto, tornaria a discussão sobre inclusivismo e exclusivismo suficientemente ampla. Tal abordagem conferiria a todos uma chance, não somente de conhecer Jesus, mas também de experimentar um relacionamento com Ele com o objetivo de se comprometer.

Missão Efetiva

Como mencionado na introdução, o objetivo da missão é a transformação da cosmovisão, o que inclui mais do que simplesmente a transmissão de conhecimento. Kraft destaca que a compreensão moderna de conhecimento influenciada pelo iluminismo ocidental difere da definição bíblica que reflete a verdade experimental, não simplesmente conhecimento/verdade intelectual, teórico. Ele sugere que “um dos aspectos cruciais do método de Jesus era embalar seu ensinamento sobre a verdade em um contexto relacional: o discipulado. Ele escolheu doze pessoas para ensinar pelo exemplo no contexto das atividades do dia-a-dia da convivência e para ministrar às pessoas em amor e poder” (KRAFT, 1996, p. 106). É assim que Alan Hirsch explica e exemplifica esse processo.

106

Se o nosso ponto de partida é o pensamento antigo e o comportamento antigo de uma pessoa ou igreja, e vemos como nossa tarefa mudar aquela situação, seguindo a abordagem helenista significará que proveremos informações através de livros e salas de aulas para tentar levar a pessoa/igreja a uma nova maneira de pensar, e espera-se que a partir daí ocorra uma nova maneira de agir. O problema é que ao meramente focalizarmos os aspectos intelectuais da pessoa, falhamos em mudar o comportamento. [...] É genuinamente difícil mudar o comportamento de alguém simplesmente pela recepção de novas ideias, já que os comportamentos estão profundamente arraigados em nós através de hábitos enraizados, educação, normas culturais, pensamento errôneo etc. Apesar de a aquisição de conhecimento ser essencial para a transformação, logo descobrimos que vai ser necessário muito mais do que novo pensamento para nos transformar. Qualquer um que tenha lutado contra um vício sabe disso (HIRSCH, 2006, p. 122-123).

O fim da experiência de Atos 4 descreve o testemunho efetivo daquela combinação de verdade, poder e compromisso. Kistemaker e Hendriksen chamam isso de evidência inegável. A pergunta no verso 7 admite “a realidade do milagre, que, mais tarde, confessam ser incapazes de negar (v. 16)” (JAMIESON; FAUSSET, 1997, At 4:7). No fim, a evidência inegável é encontrada tanto no milagre como na vida dos agentes de Deus.¹¹

Relevância para adeptos das religiões mundiais e pós-modernos

A abordagem missiológica integral parece ser relevante em se tratando de adeptos das religiões orientais e também dos chamados pós-modernos. Ambos os grupos têm uma cosmovisão consideravelmente interessada no sobrenatural. Kraft (1996, p. 452) acredita que “para pessoas como os hebreus e a maioria dos povos atuais, para quem o poder espiritual é um interesse primário, encontros com o poder são frequentemente a maneira mais clara de demonstrar a superioridade de Deus em relação aos seus espíritos e deuses”. Mesmo de maneira não semelhante, um dos interesses primários das religiões que enfatizam a ortopraxia (por exemplo, islamismo, animismo e hinduísmo) “é ser capaz de acessar poder espiritual suficiente para evitar ou corrigir problemas na vida, quer causados pelos espíritos maus ou por falta de sucesso com sua cosmovisão. Quando ouvem histórias bíblicas demonstrando o poder de Deus, eles frequentemente são muito receptivos” (KRAFT, 1996, p. 453). “Antes que pessoas de culturas orientadas pelo poder venham a Cristo, elas frequentemente precisam ser convencidas de que Ele tem poder para tratar essas questões mais efetivamente do que seu antigo sistema religioso” (OTT *et al.* 2010, p. 254).

107

Tradicionalmente, a orientação dos missionários ocidentais tem sido menos sobrenatural do que a cosmovisão daqueles que estão buscando alcançar. No entanto, a própria cosmovisão do Ocidente tem mudado. A Nova Era, o pensamento oriental e animista, tem invadido o Ocidente, ao mesmo tempo que a pós-modernidade hoje enfatiza a busca por significado para a vida através da intuição e subjetividade, resultando em formas populares de espiritualidade (POCOCK *et al.* 2005, p. 197). Na missão aos pós-modernos, “os missionários não podem mais depender de abordagens didáticas cognitivas como se o cristianismo fosse um caso

¹¹ “A última palavra do verso 7, isso, provavelmente se refere ao ensino dos apóstolos em vez de a cura do aleijado — tanto o milagre como a mensagem podem estar em vista” (GANGEL, 1998, p. 59).

que pudesse ser provado numa corte legal ou demonstrado por métodos próprios de um laboratório” (POCOCK *et al.*, 2005, p. 107).

Apesar de a formulação e apresentação do evangelho em termos culturalmente significativos representarem tarefas que merecem nosso melhor esforço, tem se tornado aparente que os representantes de Deus devem avançar dependendo de oração e do poder do Espírito, que somente pode convencer pessoas do pecado, justiça e juízo (João 16:8-10) e conquistar o inimigo em qualquer situação (DOCKERY *et al.* 1992, p. 891).

Considerações finais

Ninguém deveria negligenciar a operação poderosa do Espírito Santo como pré-requisito fundamental para a missão. A ênfase correta no poder espiritual da missão desafia o ateísmo prático dos secularismos moderno e pós-moderno; ajuda a focalizar na grande controvérsia entre Deus e Satanás; e desafia a ideia de que os problemas podem ser reduzidos a fatores psicológicos, sociais, fisiológicos ou circunstanciais (OTT *et al.* 2010, p. 240). É imprescindível lembrar que

a missão não avança contra o reino de Satanás primariamente através de estratégias ou técnicas missiológicas corretas, finanças abundantes ou educação avançada; avança pelo poder espiritual que vem através da vivência como cidadãos do reino transformados no poder do Espírito Santo (OTT *et al.* 2010, p. 247).

No dia do Pentecostes, Pedro e outros receberam o Espírito Santo, que continuou a habitar neles. A partir de então, o Espírito Santo claramente guiava a missão em cada aspecto: encontros com a verdade, o poder e o compromisso. Atos 4:8 menciona Pedro “cheio do Espírito Santo” quando falou perante o Sinédrio (HENDRIKSEN; KISTEMAKER, 1953-2001, p. 152). Ellen G. White (1911, p. 63, grifo nosso) relaciona essa experiência com o poder de Deus ao comentar a conversão de Pedro e a importância dela no seu ministério:

Os presentes que se lembravam da parte que Pedro havia desempenhado no julgamento de seu Mestre, lisonjeavam-se de que ele seria intimidado pela ameaça de prisão e morte. Mas o Pedro que

negara a Cristo na hora de sua maior necessidade, era impulsivo e cheio de confiança própria, diferindo grandemente do Pedro que fora trazido perante o Sinédrio para ser interrogado. Depois de sua queda, ele se havia convertido. Não era mais orgulhoso e jactancioso, mas modesto e sem confiança em si mesmo. *Estava cheio do Espírito Santo, e pelo auxílio deste poder estava resolvido a remover a mancha de sua apostasia, honrando o nome que repudiara.* ✎

Referências

BOSCH, D. J. **Transforming mission: paradigm shifts in theology of mission.** Maryknoll: Orbis Books, 1991. (American Society of Missiology Series, 16).

DOCKERY, D. S.; BUTLER, T. C.; CHURCH, C. L. 1992. **Holman Bible Handbook.** Nashville: Holman Bible Publishers, 1992.

GANGEL, K. O. **Acts.** Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1998. (Holman New Testament Commentary, 5).

HENDRIKSEN, W.; KISTEMAKER, S. 1953-2001. **New Testament commentary: Exposition of the Acts of the Apostles.** Grand Rapids: Baker Book House, 1953-2001. (New Testament Commentary, 17).

HIEBERT, P. G. **Transforming worldviews: an anthropological understanding of how people change.** Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

HIRSCH, A. **The forgotten ways: reactivating the missional church.** Grand Rapids: Brazos Press, 2006.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R. **A commentary, critical and explanatory, on the Old and New Testaments.** Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc., 1997.

KRAFT, C. H. **Anthropology for christian witness.** Maryknoll: Orbis Books, 1996.

_____. **Appropriate christianity.** Pasadena: William Carey Library, 2005.

_____. What kind of encounters do we need in our christian witness? **Evangelical Missions Quarterly**, July, 1991.

_____. Allegiance, truth and power encounters in christian witness. In: JONGENEEL, J. V. **Pentecost, mission and ecumenism: essays in intercultural theology**. Berlin: Peter Lang, 1992.

MOREAU, A. S.; NETLAND, H. A.; VAN ENGEN, C. E.; BURNETT, D. **Evangelical dictionary of world missions**. Grand Rapids: Baker Books, 2000. (Baker Reference Library).

MORGAN, C. W.; PETERSON, R. A. **Faith comes by hearing: a response to inclusivism**. Downers Grove: IVP Academic, 2008.

OTT, C.; STRAUSS, S. J.; TENNENT, T. C. **Encountering theology of mission: biblical foundations, historical developments, and contemporary issues**. Grand Rapids: Baker Academic, 2010. (Encountering Mission).

PAGE, T. E. **The Acts of the Apostles**. London: Macmillan, 1886.

POCOCK, M.; VAN RHEENEN, G.; MCCONNELL, D. **The changing face of world missions: engaging contemporary issues and trends**. Grand Rapids: Baker Academic, 2005. (Encountering Mission).

110

POLHILL, J. B. **Acts**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001. (Logos Library System; the New American Commentary, 26).

ROBERTSON, A. T. **Word Pictures in the New Testament**. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.

TERRY, J. M.; SMITH, E. C.; ANDERSON, J. **Missiology: an introduction to the foundations, history, and strategies of world missions**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1998.

TIPPETT, A. **The deep sea canoe: the story of third world missionaries in the South Pacific**. Pasadena: William Carey Library, 1996.

WHITE, E. G. **The Acts of the Apostles**. Mountain View: Pacific Press, 1911.

Enviado dia 01/07/2013

Aceito dia 05/09/2013

